



Rede São Paulo de

# *Formação Docente*

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP  
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo

2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação  
Rua Quirino de Andrade, 215  
CEP 01049-010 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 5627-0561  
www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Estado da Educação  
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas  
Gabinete da Coordenadora  
Praça da República, 53  
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA  
DA EDUCAÇÃO**

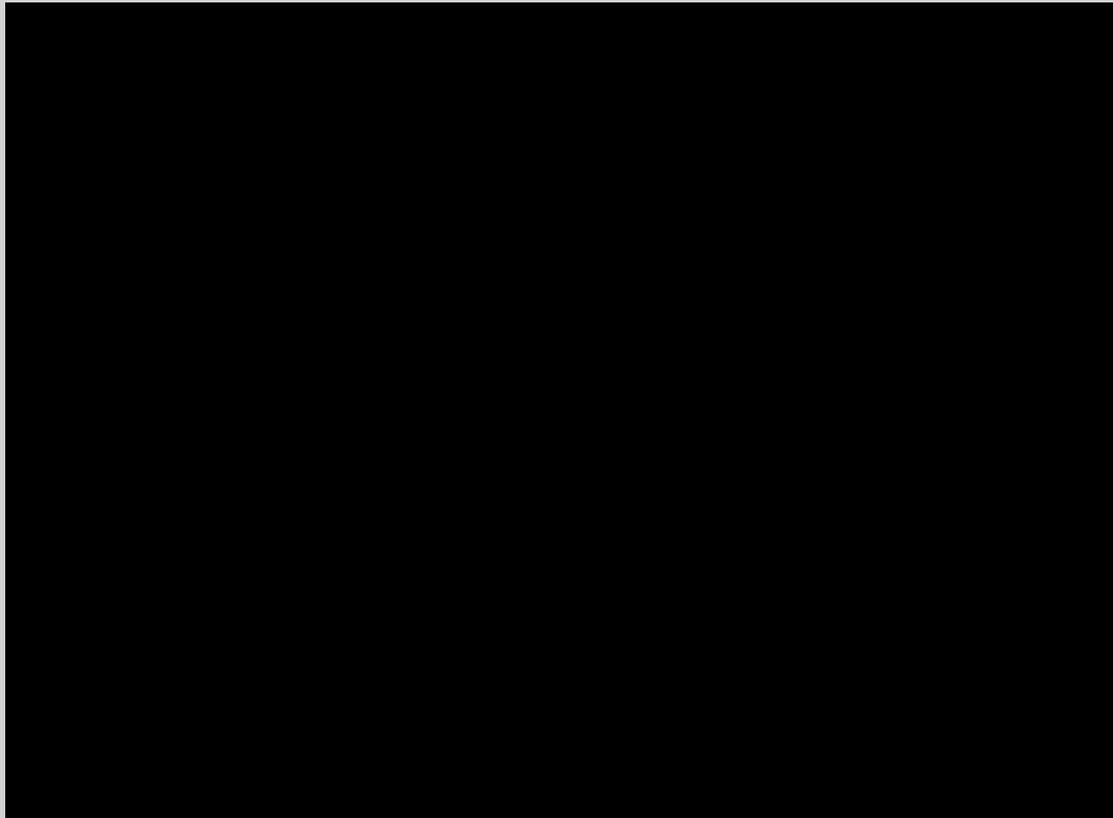




Introdução à  
Filosofia da  
Mente

Ficha da Disciplina:

# A Filosofia da Mente



Maria Eunice Quilici Gonzalez



Mariana Claudia Broens



André Leclerc



## Apresentação dos professores-autores:

O conteúdo da disciplina Filosofia da Mente foi elaborado conjuntamente por duas professoras do Departamento de Filosofia da UNESP de Marília: Maria Eunice Quilici Gonzalez<sup>1</sup> e Mariana Claudia Broens<sup>2</sup> e pelo professor André Leclerc<sup>3</sup> do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Ceará.

## Estrutura da Disciplina

Disciplina Filosofia da Mente	Tema 1: Introdução à Filosofia da Mente	1.1 Caracterização da Filosofia da Mente
		1.2 Diferentes abordagens no estudo da mente
	Tema 2: Problemas centrais da Filosofia da Mente	2.1 O problema mente/corpo
		2.2 O problema das outras mentes
		2.3 O problema da identidade pessoal
	Tema 3: Modelos mecânicos da mente	3.1 A máquina de Turing e a máxima “Pensar é computar”
		3.2 Inteligência Artificial
		3.3 Redes Neurais Artificiais
	Tema 4: Intencionalidade e Consciência	4.1 Intencionalidade originária e Intencionalidade derivada
		4.2 Consciência e Subjetividade

1 **Maria Eunice Quilici Gonzalez** é PhD em Cognitive Science, Language And Linguistics pela Universidade de Essex, Inglaterra e professora Livre Docente da UNESP. Tem experiência de pesquisa e de docência em Teoria do Conhecimento, Filosofia Ecológica, História da Filosofia Contemporânea, Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente, atuando principalmente nos seguintes temas: informação ecológica, percepção-ação, auto-organização, pragmatismo e Ética da Informação.

2 **Mariana Claudia Broens** é doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professora Livre Docente da UNESP. Tem experiência de pesquisa e de docência em Teoria do Conhecimento, História da Filosofia Moderna, História da Filosofia Contemporânea e em Filosofia da Mente, trabalhando os seguintes temas: a abordagem mecanicista da mente, Naturalismo, Auto-Organização e Pragmatismo.

3 **André leclerc** concluiu o doutorado em filosofia na Universidade de Quebec em 1990. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Ceará. Atua na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Linguagem e Filosofia da Mente, trabalhando os seguintes temas: filosofia analítica, conteúdo mental, epistemologia, externalismo, contextualismo, intencionalidade, anti-individualismo, semântica e naturalismo biológico.

## Ementa:

---

A disciplina **Filosofia da Mente** tem por objetivo investigar os principais problemas relacionados à natureza da mente - dos eventos, estados, processos e das funções mentais - bem como sua relação com o corpo e o meio ambiente. Diferentes tentativas de elucidação desses problemas são encontradas nas diversas vertentes da Filosofia da Mente, entre as quais se destacam a abordagem analítica (anglo-saxã) e a continental, além daquelas que possuem influência da filosofia oriental. Dados os limites do presente curso, apresentaremos apenas a abordagem analítica tradicional da Filosofia da Mente. Com esse objetivo, serão tratados os seguintes temas:

**Tema 1 - Introdução à Filosofia da Mente:** 1.1 Caracterização da Filosofia da Mente; 1.2 Diferentes abordagens no estudo da mente.

**Tema 2 - Problemas centrais da Filosofia da Mente:** 2.1 O problema mente/corpo, 2.2 O problema das outras mentes, 2.3 O problema da identidade pessoal.

**Tema 3 - Modelos mecânicos da mente:** 3.1 A máquina de Turing e a máxima “Pensar é computar”, 3.2 Inteligência Artificial, 3.3 Redes Neurais Artificiais, 3.4 Cognição situada e incorporada.

**Tema 4 - Intencionalidade e Consciência:** 4.1 Intencionalidade originária e Intencionalidade derivada; 4.2 Consciência e subjetividade.

Através da análise dos temas 1 a 4, buscamos familiarizar os pós-graduandos com um campo instigante de investigação filosófica recente em nosso país. Várias das hipóteses aqui apresentadas são bastante controversas e muitas vezes elas se chocam com concepções do senso comum e da tradição filosófica clássica sobre a natureza da mente. Sugerimos que esta disciplina seja estudada com uma atitude que combine a análise rigorosa e a visão crítica das hipóteses aqui apresentadas.

# Sumário

<b>Vídeo da Semana</b> .....	<b>6</b>
<b>Introdução à Filosofia da Mente</b> .....	<b>6</b>
1.1 Caracterização da Filosofia da Mente.....	6
1.2 Diferentes abordagens no estudo da mente .....	9
A - Teoria da Identidade .....	10
B - Funcionalismo .....	12
C - Eliminativismo.....	13
D - Cognição incorporada e situada.....	14
<b>Referências</b> .....	<b>16</b>

## Vídeo da Semana

---



## Introdução à Filosofia da Mente

O tema 1 reúne reflexões introdutórias sobre problemas centrais da Filosofia da Mente contemporânea. Ele está estruturado em dois tópicos: no primeiro, os objetivos da Filosofia da Mente são apresentados, enfatizando-se duas de suas características preponderantes, o *naturalismo* e a *interdisciplinaridade*. No segundo tópico, as seguintes abordagens são apresentadas: (a) Teoria da Identidade, (b) Funcionalismo, (c) Eliminativismo e (d) Cognição Incorporada e Situada.

### 1.1 Caracterização da Filosofia da Mente

A Filosofia da Mente é uma área de investigação filosófico-interdisciplinar que tem como objetivo investigar a natureza da mente, seus processos, estados, funções, sua relação com o corpo e com o meio ambiente. Partindo de distintas perspectivas teóricas, a Filosofia da Mente busca investigar processos mentais associados à cognição, memória, percepção, ação, vontade, emoção, dentre outros.

Há duas características básicas da Filosofia da Mente que merecem destaque:

a. **Naturalismo** - as concepções contemporâneas de mente na tradição filosófica analítica anglo-saxã são basicamente *naturalistas*, em um sentido bastante amplo da expressão. São naturalistas porque consideram que os estados, processos e eventos mentais fazem parte do contexto de eventos que ocorrem na natureza e não podem ser creditados a entidades sobrenaturais de algum tipo.

b. **Interdisciplinaridade** - os estudos da Filosofia da Mente são *interdisciplinares*; considera-se que disciplinas como psicologia, computação, linguística, neurociências, biologia, que também estudam os processos mentais, oferecem aportes necessários para a reflexão filosófica sobre tais processos. Além disso, existe um ideal de unificação metodológica no tratamento de problemas investigados na área. A filosofia da mente trata também de questões metafísicas bastante tradicionais, podendo ser incluídos nesse domínio o problema mente/corpo, o problema da identidade pessoal e o da causalidade mental, que serão tratados no Tema 2. Por outro lado, os estudos atuais sobre a consciência são claramente interdisciplinares, assim como os trabalhos sobre a motivação. A discussão filosófica se alimenta de várias ciências, mas tem uma abordagem própria, mais reflexiva e *analítica*<sup>1</sup>.

1. Cabe ressaltar que na concepção de Wittgenstein, a mente não é objeto de estudo para as ciências empíricas. Mas sobre isso, os wittgensteinianos, apesar de influentes, formam um grupo a parte.

O ideal de unificação metodológica no estudo da mente tem como pressuposto a hipótese de que a Física fornece um bom modelo de investigação na pesquisa científica. Esse ideal tem sido alvo de críticas por parte de muitos filósofos, inclusive de seu proponente original Hilary Putnam, que em 1960 defendeu a tese da unidade metodológica da explicação científica, tão cara ao positivismo da primeira metade do século XX (links). Em 1998, no texto *Renovando a Filosofia (Renewing Philosophy)*, Putnam problematiza sua própria concepção inicial da unidade metodológica das ciências no estudo da mente, considerando-a simplista. Concebendo os limites do projeto que inicialmente defendeu nos anos 60, ele argumenta em defesa de um *perspectivismo* que envolva uma multiplicidade de métodos de investigação no estudo de sistemas complexos, como é o caso da mente.

Apesar da polêmica em torno dos métodos de investigação apropriados, a interdisciplinaridade constitui uma característica central da Filosofia da Mente, na tradição analítica, em decorrência de seu viés naturalista: uma vez que se considera que a dinâmica e a organização da mente estão sujeitas às leis naturais, para compreendê-las será necessário utilizar dados obtidos pelas ferramentas investigativas das ciências naturais, além dos recursos próprios da investigação filosófico-conceitual. É, justamente, esse naturalismo metodológico que faz com que a Filosofia da Mente e a chamada *Ciência Cognitiva* estejam intrinsecamente relacionadas.

A Ciência Cognitiva é uma área interdisciplinar de pesquisa dos processos cognitivos, tendo como alicerce a concepção mecanicista da mente. O objetivo inicial desta ciência era a produção de modelos mecânicos explicativos dos processos associados ao pensamento inteligente. Conforme ressalta Gardner (1985, p. 6-7), são cinco as principais características da Ciência Cognitiva em seu estado de desenvolvimento na década de 1980:

1. O estudo das atividades cognitivas humanas envolve necessariamente o estudo das representações mentais, o que supõe um plano de análise diferente do plano biológico ou neurológico;
2. A hipótese de que os modelos computacionais são os mais apropriados para compreender como a mente funciona.
3. O recorte metodológico adotado para a elaboração de modelos mecânicos da mente não considera, inicialmente, fatores como os emocionais, culturais, contextuais, entre outros. Esses fatores são reconhecidamente importantes para a compreensão do funcionamento da mente, mas sua inclusão naquele momento iria tornar muito complexa a modelagem computacional.
4. Abordagem interdisciplinar da mente deve ser adotada. As barreiras entre as diferentes disciplinas que compõem a Ciência Cognitiva (Psicologia, Computação, Linguística, Neurociências, Biologia, etc.) serão idealmente transpostas pela adoção da modelagem computacional que unifica a Ciência Cognitiva.
5. A agenda da Ciência Cognitiva será estabelecida pelo conjunto de questões e preocupações que há muito são investigadas pelos epistemólogos na tradição ocidental clássica.

No Tema 3 comentaremos a evolução da Ciência Cognitiva a partir da década de 1980. No momento é suficiente observar que as características de um a cinco acima mencionadas têm sido objeto de questionamento bastante polêmico nos estudos realizados pela Filosofia da Mente e pela Filosofia Ecológica (link). Assim, por exemplo, uma dificuldade enfrentada pelo mecanicismo diz respeito ao aspecto criativo que constitui uma marca inegável da mente. Como explicar a criatividade através de uma abordagem mecanicista? Dificuldades da mesma envergadura são enfrentadas quando se reflete acerca da natureza do livre arbítrio, da identidade pessoal, da comunicação significativa e das emoções, dentre outros. Essas dificuldades são pesquisadas a partir de perspectivas explicativas distintas no programa de pesquisa da Filosofia da Mente e da Ciência Cognitiva. No próximo tópico passamos a apresentar algumas das perspectivas comuns a estas áreas de investigação no que diz respeito à natureza da mente.

## 1.2 Diferentes abordagens no estudo da mente

O interesse pela investigação científica sobre a natureza da mente começa a delinear-se a partir do fim do século XIX e início do século XX, simultaneamente ao desenvolvimento dos estudos da então jovem ciência da *Psicologia*. A Psicologia ainda se debatia entre as imposições de um vocabulário carregado de concepções dualistas e intelectualistas de mente, de um lado, e, de outro, a necessidade de atender algumas exigências da tradição analítica e de suas críticas à metafísica. Curiosamente, uma das primeiras grandes teorias psicológicas para explicar os processos cognitivos e a ação inteligente (tradicionalmente considerados de responsabilidade da *mente*) foi o chamado *behaviorismo*. Esta escola psicológica considerava que o caráter não-observável, introspectivo, dos processos mentais impedia sua investigação rigorosa e a verificação de seus resultados, razão pela qual a psicologia deveria focalizar apenas o comportamento observável em suas investigações.

A despeito do grande esforço explicativo empreendido pelos estudos behavioristas, um progressivo sentimento de insatisfação foi manifestando-se em psicólogos e filósofos diante de uma abordagem que deixava de lado os aspectos até então considerados típicos da vida mental, quais sejam, as crenças, os desejos, as emoções em geral, e que dificilmente poderiam continuar a ser ignorados. O behaviorismo procurou redefinir os estados mentais em termos de comportamentos e disposições, tendo enfrentado várias críticas. Uma delas, bastante conhecida, é o “argumento do super Espartano”: este argumento supõe que um guerreiro espartano

(sabidamente treinado para suportar a dor e não manifestá-la em campo de batalha), quando gravemente ferido supostamente teria a capacidade de ocultar seu estado mental de dor intensa. Esta capacidade de ocultamento inviabilizaria um estudo de seu estado de dor em termos comportamentais. Uma possível refutação desse argumento consiste em considerar o fator “tempo de observação” no estudo dos hábitos de ação, uma vez que há limites para a capacidade de fingimento ou ocultamento. Dificilmente alguém conseguiria mentir ou simular sua dor por muito tempo para um olhar treinado.

Além do mais, o behaviorismo pressupõe que aquilo que pode ser dito sobre o comportamento inteligente pode ser traduzido em uma linguagem que não emprega termos mentalistas como “crença”, “desejo”, “sensação”, entre outros. A maioria dos filósofos e psicólogos julga que o programa de tradução do behaviorismo falhou, uma vez que eles consideram que não se pode definir uma noção mentalista ou intencional em termos não intencionais. Contudo, é consenso entre os estudiosos da mente que não se voltar a adotar perspectivas que não sejam verificáveis em alguma medida se se pretende uma abordagem rigorosa dos estados e processos mentais. Diante desse impasse, surge uma abordagem teórica conhecida como *Teoria da Identidade* que passamos a apresentar.

## A - Teoria da Identidade

Na Filosofia da Mente contemporânea há dois artigos considerados basilares para a formulação da Teoria da Identidade, uma das mais fortes versões do naturalismo nessa área da investigação. São eles o artigo *A consciência é um processo cerebral?* (*Is consciousness a brain process?*) do psicólogo e filósofo U. T. Place (1956) e o artigo *Sensações e processos cerebrais* (*Sensations and brain processes*) do filósofo J. J. Smart (1959). Eles pretendem propor uma teoria da mente que não recaia nos abusos metafísicos do dualismo substancial, de inspiração cartesiana e nem no extremo em que acabou caindo o *behaviorismo* que, em seu esforço por construir uma teoria científica da psicologia, acabou caracterizando os eventos e processos mentais em termos comportamentais. Em síntese, Place e Smart procuraram evitar, por um lado, as dificuldades oriundas do **dualismo substancial**<sup>2</sup> resultan-

2. O dualismo substancial consiste em propor que a mente e o corpo constituem substâncias com propriedades distintas: a mente seria uma substância imaterial e não sujeita às leis físicas e o corpo seria material e estaria subordinado às leis físicas. Esta concepção subjaz o pensamento de muitos filósofos, mas foi claramente formulada por René Descartes na obra *Meditações*.

tes da incapacidade de explicar a interação causal entre mente e corpo e, por outro, a suposta redução do mental ao comportamental realizada pelo behaviorismo (não cabe aqui uma longa exposição sobre o behaviorismo, mas, a despeito de todas as críticas que lhe são dirigidas por várias escolas e tradições filosóficas, tem, a nosso ver, o inegável mérito de mostrar a relevância do comportamento na compreensão da inteligência e, assim, o de propor uma das primeiras abordagens externalistas (link) da mente. Tampouco cabe aqui uma análise detalhada do dualismo cartesiano que, graças a sua precisa formulação, possibilitou um fértil debate sobre a natureza da mente e do corpo).

Segundo Place e Smart, estados e eventos mentais são, em certo sentido, *internos* e não podem ser simplesmente identificados ao comportamento ou às disposições comportamentais. Os estados mentais seriam internos não porque sejam da alçada exclusiva da vida privada de um “fantasma na máquina”, mas porque estados e eventos mentais seriam *idênticos* numericamente, um-a-um, a estados e eventos físicos que ocorrem no sistema nervoso.

Place (1956) argumenta que uma psicologia científica deveria identificar a consciência a padrões de atividade cerebral. Assumindo que os estados e eventos mentais são idênticos aos estados e eventos cerebrais, ele defende que os termos mentalistas e fisicalistas, embora diferentes, teriam o mesmo *referente* cerebral (uma situação análoga pode ser considerada através do exemplo, na Filosofia da Linguagem, das expressões *estrela da tarde* e *estrela da manhã* que, apesar de possuir sentidos diferentes, ambas se referem ao planeta Vênus). Quando, por exemplo, sinto dor e digo “estou sentindo dor”, esta descrição na linguagem comum não dá conta de expressar o conjunto de eventos neurofisiológicos responsáveis pela sensação de dor. Contudo, segundo Place, uma boa descrição em termos neurofisiológicos (a “ativação das fibras c”) se referirá precisamente ao mesmo evento descrito pela frase “estou sentindo dor”. Isto porque “sentir dor” é um processo cerebral (resultante da ativação das fibras C) a ser investigado rigorosamente pela neurofisiologia.

Dando continuidade aos argumentos de Place em defesa da identidade mente/cérebro, Smart observa que não basta considerar que os eventos mentais estão correlacionados a eventos cerebrais. Ao contrário, ele enfatiza que tal suposta correlação implica introduzir, de modo sutil, teses dualistas na Psicologia. Isto porque só pode ser correlacionado aquilo que é distinto; uma pegada deixada na cena do crime pode ser correlacionada ao calçado do suspeito de tê-lo cometido, mas isso só poderá ser feito porque a pegada e o calçado são objetos diferentes: nenhum detetive irá correlacionar o suspeito consigo mesmo.

A grande preocupação de Smart (1959), quando procura refutar vários argumentos opostos à tese da identidade postulada por Place, é colocar na ordem do dia da abordagem fisicalista (link) os eventos e estados da consciência. Se ainda carecemos das ferramentas explanatórias necessárias para isso, segundo ele podemos perguntar: por que não poderá haver novas leis para a Psicologia como as leis da eletricidade e do magnetismo, que foram novidades do ponto de vista da mecânica newtoniana?

A despeito de suas excelentes intenções, porém, a teoria da identidade teve vida bastante curta no cenário filosófico contemporâneo. Mal estava ela procurando consolidar-se quando aparecem veementes críticas a suas teses, em especial àquela que identifica um-a-um os tipos de estados mentais e os tipos de estados cerebrais. Como veremos a seguir, o funcionalismo surge como uma alternativa às propostas explicativas de Place e Smart.

## B - Funcionalismo

Uma das principais objeções que são dirigidas à teoria da identidade mente/cérebro é conhecida como o argumento da *realizabilidade múltipla* e foi apresentado por Hilary Putnam no início da década de 1960. Esta crítica observa que a tese da identidade um-a-um não dá conta de explicar por que diferentes estruturas materiais instanciam (incorporam) o mesmo tipo de evento ou estado mental. Se há uma estrita identidade entre estados mentais e cerebrais, fica difícil compreender por que, por exemplo, os estados neurofisiológicos relacionados à dor nos cérebros de diversas espécies animais, cada uma com anatomias distintas, podem ser idênticos ao mesmo evento mental *dor*.

O funcionalismo, especialmente em sua vertente computacional, torna-se preponderante na Ciência Cognitiva e na Filosofia da Mente a partir do início dos anos de 1970. Ele pode ser definido, *grosso modo*, como sendo uma abordagem dos estados e eventos mentais ligados ao comportamento inteligente que privilegia a *função* desempenhada pelo sistema cognitivo independente de sua base material. Estados mentais seriam, efetivamente, *estados funcionais* expressando relações causais de estímulos sensoriais (*inputs*) entre outros estados mentais e comportamentos (*outputs*).

A abordagem funcionalista da mente será apresentada com mais detalhes no **Tema 3** desta disciplina. No momento, é importante compreender que o funcionalismo computacional tem

nos modelos mecânicos da mente sua principal ferramenta explanatória. Uma vez mais, dificuldades foram apontadas por filósofos, como Dreyfus (1979) Searle (1980) e Baker (1987) entre outros concernentes aos limites da concepção funcionalista da mente. Tais dificuldades estão relacionadas à inabilidade dos modelos mecânicos de explicitarem as nuances concernentes às dimensões subjetivas da experiência qualitativa, bem como os aspectos significativos da comunicação humana. É nesse cenário que surge, nos anos de 1980, o eliminativismo.

## C - Eliminativismo

Buscando superar as críticas dirigidas à teoria da identidade e ao funcionalismo, em meados dos anos de 1980, Patrícia Churchland e Paul Churchland (1988-2004) propõem uma concepção materialista radical de estudo dos processos cerebrais: o *eliminativismo* (1988-2004). Para os eliminativistas, a teoria da identidade mente/cérebro foi fragilizada por sua tentativa equivocada de promover uma redução interteórica. Como vimos, essa redução se daria pela identificação entre descrições de eventos e estados mentais, expressos pelo vocabulário mentalista da linguagem comum (que utiliza os conceitos de crença, desejo, intenção, entre outros da *psicologia popular*) e as descrições de eventos e estados neurofisiológicos.

Para os eliminativistas, não é gratuitamente que a teoria da identidade falhou em sua tentativa de identificar, um-a-um, estados mentais e estados cerebrais: tal falha se deve a que as descrições mentalistas da psicologia popular seriam falsas e totalmente enganosas e, portanto irrelevantes para as explicações científicas do comportamento humano, pois a descrição dos estados e eventos cerebrais bastaria para isso. O vocabulário mentalista constituiria, para eles, um entulho metafísico que deveria ser eliminado do cenário explicativo sobre a natureza da mente.

Podemos dizer, na perspectiva eliminativista, que as teses da psicologia popular como, por exemplo, que “sou levada a agir por minha força de vontade”, “estou triste porque meu gato morreu” não auxiliam na explicação das causas de minha ação ou de meus estados neurológicos. A psicologia popular forneceria explicações mitológicas ao supor a existência de entidades misteriosas, como “vontade” e “tristeza”, dotadas de certa força causal em minha conduta. Para os eliminativistas, a linguagem mentalista, que atribui a crenças e desejos os motores da nossa ação, será retirada do cenário científico e filosófico futuro, tão logo as Neurociências sejam reconhecidas.

Ao desenvolverem seu aparato conceitual, paradoxalmente, os eliminativistas acreditam que uma descrição adequada dos processos cerebrais substituirá a linguagem mentalista da Psicologia popular. Segundo eles, ocorrerá com a linguagem mentalista algo semelhante ao que ocorreu com o conceito de “flogisto”: este conceito foi postulado na tentativa de explicar fenômenos ligados à combustão no século XVII (supostamente os corpos combustíveis teriam em seu interior o elemento “flogisto”, que seria emanado em certas condições, resultando na combustão) e posteriormente eliminado do cenário teórico da química ao ser constatado inteiramente falso.

O projeto eliminativista de abolir a linguagem mentalista enfrente inúmeras dificuldades. Uma das principais é: como comunicaríamos nossas intenções e estados mentais sem utilizar o vocabulário mentalista da Psicologia Popular? Será que passaríamos a afirmar “minhas fibras neuronais “c” estão ativadas hoje” quando normalmente diríamos “Estou com dor de cabeça”? Ainda que seja chocante a proposta de um abandono total da linguagem mentalista, a proposta eliminativista tem o mérito de suscitar discussões (preferencialmente de forma crítica) sobre a natureza dos estados mentais à luz de resultados obtidos pela neurociência contemporânea.

Entendemos que a utilização do vocabulário mentalista não pode ser menosprezada, mesmo porque a própria dinâmica da linguagem (científica e comum) incorpora revisões nos termos de que se serve para modificar, ou até alterar inteiramente, os próprios pressupostos teóricos de nossa Psicologia popular. O termo “vontade”, por exemplo, pode vir a alterar gradualmente seu sentido (o que parece já ter ocorrido, pelo menos parcialmente) e deixar de designar uma faculdade da alma que, autonomamente do corpo, exerce o livre arbítrio de que fomos dotados (como o era no século XVII), para significar, hoje, uma capacidade cognitiva diretamente influenciada pela estrutura bioquímica do organismo situado em um dado meio ambiente.

## D - Cognição incorporada e situada

Esta perspectiva teórica começa a se delinear a partir dos anos de 1990 e tem como pressuposto central a hipótese de que os processos mentais e o comportamento inteligente estão diretamente relacionados à complexa rede de interações entre os organismos e o meio ambiente. Ao ressaltar o aspecto corporal dos processos mentais, esta abordagem destaca a integração e interdependência existente entre processos corpóreos em geral (metabólicos, hormonais, etc.)

e os processos mentais. Além disso, esta abordagem chama a atenção para as relações que o organismo estabelece com o meio ambiente em que está física e historicamente situado e a influência que características ambientais têm no desenvolvimento de processos mentais, especialmente na história evolucionária dos organismos.

Cognitivistas como Clark (2001, 2008) e Haselager (2004) entendem que é preciso criar modelos robóticos corpóreos e ambientalmente situados que sejam capazes de desempenhar performances inteligentes análogas às que efetuam os organismos biológicos. Em especial, tais modelos objetivam lidar de modo apropriado com os desafios e imprevistos que surgem em ambientes não controlados. Em especial, a Cognição Incorporada e Situada focaliza a díade corpo/ambiente em sua permanente (e de dupla mão) busca por ajustes para a adaptação às novas variáveis que tal interação dinâmica gera. Uma das grandes virtudes desta abordagem é que ela permite levar em consideração uma multiplicidade de fatores hoje reconhecidos relevantes para a compreensão dos processos mentais que até então haviam sido preteridos, como ressaltamos no Tópico 1.1.

Em especial, a Cognição Incorporada e Situada propõe modelos da cognição que tenham efetivamente uma maior plausibilidade biológica, inclusive levando em conta fatores envolvendo a multiplicação e complexificação das possibilidades de interação dos organismos com o ambiente (e do ambiente com os organismos) ao longo da história evolutiva dos seres vivos em nosso planeta.

Em suma, neste Tema foram brevemente apresentadas hipóteses das principais teorias da mente que constituem o cenário filosófico e cognitivista contemporâneo, cada uma delas com indiscutíveis méritos filosóficos, embora não isentas de dificuldades. No próximo Tema trataremos de alguns problemas centrais da Filosofia da Mente sobre os quais estas diferentes abordagens se debruçaram atentamente, mas que ainda não receberam uma solução satisfatória.

## Referências

---

- BAKER, L. R. **Saving Belief**: a critique of physicalism, Princeton University Press, 1987.
- CHURCHLAND, P (1988). **Matéria e consciência**. São Paulo: Unesp, 2004.
- CLARK, A. **Mindware**: an introduction to the philosophy of cognitive science. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CLARK, A. **Supersizing the Mind**: Embodiment, Action, and Cognitive Extension. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- DESCARTES, R. **Obra escolhida**. Introdução de Giles Gaston-Granger, Prefácio e notas de Gerard Lebrun. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DREYFUS, H. (1972). **What Computers Can't Do**: The Limits of Artificial Intelligence. Revised edition. New York: Harper and Row, 1979.
- HASELAGER, W.F.G. O mal estar do representacionismo: sete dores de cabeça da Ciência Cognitiva. In: FERREIRA, A.; GONZALEZ, M. E. Q.A.; COELHO, J. G. (eds.). **Encontros com as ciências cognitivas**. São Paulo: [s. n.], 2004, p. 105-120. (Coleção Estudos Cognitivos), v. 4.
- HODGES, A. **Turing Um filósofo da natureza**. Tradução de Marcos Barbosa de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2001.
- PLACE, U.T. Is Consciousness a Brain Process? **British Journal of Psychology**, p. 44-50, n. 47, 1956.
- PUTNAM, H. (1960) The nature of mental states. In: LYCAN, W. **Mind and cognition**: an anthology. 2nd. ed. Oxford: Blackwell Publications, 1999.
- RYLE, G. (1949) **The concept of mind**. London: Penguin, 2000.
- SEARLE, J. R. (1980) Minds, brains, and programs. **Behavioral and Brain Sciences**, p. 417-457, v. 3, n. 3,. Disponível em: <<http://www.bbsonline.org/Preprints/OldArchive/bbs.searle2.html>>. Acessado em: 4 maio 2011.
- SMART, J.J. C. Sensations and Brain Processes. **Philosophical Review**, p. 141-156, n. 68, 1959.

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Ana Maria Martins da Costa Santos

Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - *sub-coordenador*

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

*(equipe Redefor)*

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Guilherme de Andrade Lemeszenski

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva